

A ALTERNÂNCIA SUBJUNTIVO/INDICATIVO EM ENUNCIADOS DUBITATIVOS DO ESPANHOL MEXICANO O PESO DA MODALIDADE EPISTÊMICA

Júlio César Lima Moreira (UFC)

julioo007@yahoo.com.br

1. Introdução

Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo linguístico e da sociolinguística variacionista nos debruçaremos sobre o valor da modalidade epistêmica com vistas a considerá-la como variável independente na análise do *fenômeno variável subjuntivo/indicativo* na expressão de enunciados com modalizadores de dúvida, incerteza, em situações de interação comunicativa. Trata-se de fenômeno observado na interação comunicativa, apreendido no vernáculo, portanto no âmbito discursivo-pragmático, porém envolve, como não poderia deixar de ser, relação com os níveis subjacentes ao nível pragmático, sintático, semântico e morfofonêmico, os quais estão inter-relacionados e interdependentes⁵. Conforme aponta Neves (1997, p. 24) “A integração de componentes diversos é uma das características de qualquer paradigma funcionalista, mesmo os menos moderados, que estabelecem uma subordinação dos demais componentes ao componente pragmático”.

A questão central tratada aqui é: *É possível apreender a modalidade em termos formais e assim usá-la como variável independente em uma análise quantitativa?*

Concebendo a modalidade epistêmica apreensível no discurso e codificadora de noções relacionadas ao conhecimento, ao grau de certeza do falante buscamos responder ao questionamento norteador supracitado que suscitou esse trabalho. Objetivamos esboçar uma classificação paramétrica do *continuum* da categoria de modalidade epistêmica, na *interface realis-irrealis*⁶ codificada nas proposições sob escopo de advérbios modalizadores de dúvida, incerteza, considerando o discurso como um todo, levando a cabo uma análise de caráter multiproposicional.

⁵ Consideradas aqui independentes as orações simples, principais, coordenadas e justapostas.

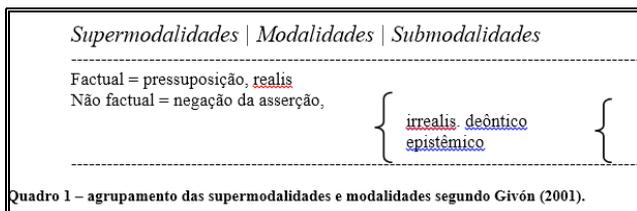
⁶ Interface entendida aqui como a exteriorização do julgamento do falante calcado em sua crença, seu grau de evidencialidade e conhecimento sobre o *dictum*. Sendo *realis-irrealis* compreende um continuum compreendido entre + certeza e incerteza epistêmicos.

Para tanto, exporemos à continuação o estabelecimento de critérios para a classificação do *continuum* da modalidade epistêmica na interface *realis-irrealis* cuja ocorrência supomos estar presente na codificação em proposições com a presença de modalizadores de dúvida, incerteza, possibilidade. Mesmo com a presença desses modalizadores, supomos, *a priori*, que haja uma correlação entre a progressiva expansão de uso do indicativo em detrimento do subjuntivo e o grau escalar no *continuum* de certeza a incerteza epistêmica do falante em enunciados dubitativos.

2. A modalidade epistêmica segundo o funcionalismo linguístico

De forma sucinta expomos que no tratamento da modalidade tomamos como base a perspectiva de linha funcionalista norte-americana, mais especificamente a conceituação de Givón (2001). Sob esta ótica a modalidade é uma categoria discursivo-pragmática uma vez que está centrada no julgamento do falante sobre a proposição e direcionada a um interlocutor num determinado contexto comunicativo. Portanto, a modalidade é uma forma de expressão dos valores atitudinais do falante sobre as proposições sem alterar ou incidir sobre os papéis semânticos dos argumentos na oração. Avaliação de ordem pessoal, subjetiva que se estende sobre eventos, seus atos ou sobre os de outrem, ou seja, é o julgamento do falante, os quais segundo Givón (2001) podem ser: *juízos deôntico e epistêmico*.

Para Givón (2001, p.300) a modalidade segue uma hierarquia: supermodalidade > modalidade > submodalidade. Givón baseia sua classificação com relação ao grau de factualidade da proposição. Desta forma, para o autor, há as supermodalidades abrangendo modalidades e estas por sua vez as submodalidades:



Dentro dos objetivos de nosso trabalho expomos também a classificação do autor da modalidade *irrealis* e sua divisão nas submodalidades epistêmica e deôntica:

Asserção irrealis – proposição é declarada como possível, provável ou incerta (submodalidades epistêmicas), ou necessária, desejada ou indesejada (submodalidades deôntica /avaliativa). Mas o falante não está preparado para dar apoio à asserção com evidências ou não possui fortes razões para convencer seu interlocutor; e o desafio para o ouvinte é receber, esperar ou mesmo solicitar prontamente maiores esclarecimentos. (GIVÓN, 2001, p.301)

3. *Escalaridade do valor de certeza epistêmico e a alternância subjuntivo/indicativo*

O modo subjuntivo, segundo a norma padrão, prototipicamente é o modo que expressa dúvida, incerteza, hipótese, suposição, probabilidade, possibilidade, conjecturas, todas essas noções semânticas estão sob o arcabouço da submodalidade epistêmica *irrealis*. No entanto, não é isso que se observa no vernáculo, no qual progressivamente formas indicativas coocorrem com formas subjuntivas em alguns contextos. Essa expansão de função, de uso do indicativo pode indicar uma possível mudança em progresso no vernáculo da comunidade de fala avaliada.

Prototipicamente o subjuntivo é visto, como vimos acima, o modo verbal relacionado à codificação das noções de incerteza, hipótese etc. Na teoria funcionalista givoniana a codificação dessas noções semânticas seria função da modalidade epistêmica *irrealis*. Sobre a relação entre o subjuntivo e a modalidade *irrealis*, Givón (1995), nos diz que para entender o subjuntivo é necessário inicialmente entender o *irrealis*. Em suma, para o autor o *irrealis* é o contexto favorecedor do subjuntivo e em especial do traço de futuridade, onde se sobrepõem os submodos *irrealis* deôntico e epistêmico.

Supomos que em enunciados declarativos dubitativos (orações principais e/ou independentes com advérbios ou locuções de dúvida) a modalidade epistêmica se manifesta no *continuum* da interface *realis-irrealis*. Essa característica escalar da modalidade epistêmica é sugerida pelo autor em orações adverbiais (GIVÓN, 2001, p. 324). Para o autor a escala modal mais comum das sentenças adverbiais *irrealis*:

Certeza epistêmica	→	forma gramatical
a. certeza mais alta	→	futuro/ marcação modal
b. certeza diminuída	→	subjuntivo/ marcação modal
c. certeza mais baixa	→	marcação contrafactual

Quadro 2: Escalaridade do epistêmico irrealis. Adaptado de Givón (2001, p. 324).

Fazendo uma adaptação usamos essa classificação do autor como parâmetro, pois compartilhamos a visão de escalaridade da modalidade epistêmica manifestada em orações independentes dubitativas, circunscrita na interface *realis-irrealis*. Aqui buscamos destacar esse caráter escalar. Queremos mostrar que essa expressão de modalidade do falante em enunciados dubitativos oscila nesse eixo, assim chamados devido à presença dos advérbios e locuções adverbiais.

Supomos que o fenômeno da variação das formas verbais em orações que estejam sob escopo de modalizadores epistêmicos que codificam os valores de: dúvida, incerteza, probabilidade, etc. está diretamente ligado a um grau maior ou menor de certeza epistêmica.

Nossa *hipótese central* é a de que os enunciados construídos com modalizadores instauradores de dúvida e incerteza muitas vezes podem ser usados como estratégias discursivas de atenuação, polidez etc. e que a modalidade subjacente a esses enunciados sinalize regularidades na variável em foco e ajude a entender o condicionamento dela.

4. Procedimentos

4.1. Procedimentos de análise

Buscaremos inicialmente mensurar a modalidade apreendida no discurso, considerando todo enunciado portador de modalização em maior ou menor medida. Consideramos que os enunciados declarativos dubitativos (orações principais e orações independentes escopadas por advérbios ou locuções adverbiais de dúvida) por serem tipicamente expressão de julgamento relacionado ao grau de certeza, conhecimento do falante, podem apresentar a modalidade epistêmica em um *continuum* na interface *realis-irrealis*. Para a classificação da escalaridade nos baseamos numa perspectiva discursivo-funcional a qual considera a modalidade uma categoria pragmática que veicula noções semânticas e “moldada” pelo contexto situacional. Para aferir o *continuum* da modalidade epistêmica na interface *realis-irrealis* presente nos enunciados dubitativos estipulamos alguns critérios considerando a seguinte escala de força:

$$\text{certeza } 1 > \text{certeza } 2 > \text{incerteza.}$$

Faz-se necessário que se diga que não é tarefa fácil e aqui esboçamos uma tentativa de mensurar este *continuum* cujo valor é fluido. Trabalho semelhante de gradação da modalidade o fez Coan (2003, p.

141) apesar de ser uma classificação da modalidade em enunciados com formas verbais do passado, nos vale como referência, pois utilizou critérios contextuais com vistas a formalizar a modalidade e assim usá-la como variável independente como também pretendemos fazê-lo. Tarefa difícil que se baseia em *evidências* no discurso do falante para apreender seu julgamento e sua avaliação na proposição em questão.

Com vistas a ratificar a possibilidade de aferição contextualmente da modalidade, não estando esta exclusivamente codificada na forma verbal, acrescentamos à nossa hipótese básica sobre o *continuum* da modalidade epistêmica em enunciados dubitativos, o *conceito de evidencialidade* exposto por Givón (2001, p. 326). Segundo o autor a evidencialidade e a modalidade epistêmica sobrepõem-se, podendo ser gramaticalizada ou não em uma língua natural. Em nosso caso, por não ser marcada morfologicamente em língua espanhola, buscaremos a evidencialidade contextualmente numa perspectiva de discurso multiproposicional e com a criação do parâmetro dicotômico *experencialidade* (cf. seção 4.2). Sobre isso o autor nos expõe:

O fenômeno da evidencialidade cobre/sobrepõe-se completamente uma extensão com modalidade epistêmica. Ainda, em muitas línguas as duas formam subsistemas gramaticais distintos. Mais do que pertencente diretamente à certeza subjetiva, os sistemas de evidências gramaticalizados codificam primeiro e antes de tudo a *origem* da evidência disponível apoiado numa asserção, e somente então, implicitamente, sua *força*. Isso é aquela conexão implícita que, por sua vez, liga a *evidencialidade* à certeza subjetiva.

A relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica pode ser, portanto, dada como cadeia causal mediada: origem da evidência > força da evidência > certeza epistêmica. (GIVÓN, 2001, p. 326).

Elaboramos algumas considerações a partir da escala supracitada, correlacionando-as ao que prevemos como base conceitual para a elaboração de critérios formais, discursivos para a classificação e aferição da modalidade proposicional, a seguir:

Certeza 1 – O falante está fazendo julgamento com base em conhecimento adquirido e situação já experienciada diretamente ou em andamento de aspecto continuativo e progressivo. O mundo objetivo é mais descritível e evidenciável para o julgamento do falante, porém pode fazer julgamentos sobre si, pois é mais comum ter mais certeza quando se fala de si mesmo, faz julgamento de si mesmo.

Há pistas contextuais, asserções que evidenciam, sejam elas anteriores ou posteriores à proposição em questão, o seu conhecimento, sua

capacidade de asserir certeza sobre o dito na proposição em questão. Há marcadores discursivos e sequências textuais (narrativas, descritivas, dissertativo-argumentativas) que atestam o grau de maior certeza do falante, correlacionados e coerentes com a proposição sob escopo do modalizador. O uso dos itens dubitativos surge com a função de expressar um valor estilístico para dar maior polidez ao discurso, ou surgem como marca de modéstia e de isenção de responsabilidade pelo dito ou como variante estilística.

A referência a eventos cronologicamente factuais são prototipicamente indicadores de certeza. No entanto, a simulação de eventos hipotéticos dados como realizados pode ser considerada também como contexto favorecedor dum grau de certeza inferida na proposição, o qual o falante o usa ludicamente para dar esclarecimentos ou ensinar algo, afastando-se da responsabilidade, ou seja, impessoalizando o discurso.

Certeza 2 – Está relacionada geralmente a eventos passados e presentes não experienciados diretamente, possíveis de ser reais pela credibilidade dada à narração, relatos de outra fonte e eventos futuros. Normalmente dependentes de condições, está na esteira do provável com pouca convicção. O falante apresenta moderada ou reduzida evidência de seu conhecimento, e moderada ou baixa capacidade de asserir o dito na proposição. Podem referir-se a eventos futuros com asseveração diminuída. O falante possui determinada convicção no que diz, porém sem factualidade, sem força para atestá-la. Baseado em sua crença. Não há presença de argumentos ratificadores no texto, no discurso do falante, que atestem diretamente a proposição, porém o que enuncia em sua proposição está ligado ao seu mundo, sobre algo que conheça embora não tenha vivenciado diretamente. Normalmente se dá sobre a ação de terceiros, ou de seu mundo subjetivo (suas emoções, angústias, julgamentos, opinião). É mais comum ter menos certeza quando se fala de terceiros, se faz julgamento de terceiros. É usual haver pedido de validação de sua proposição como: “*Não é? (né?)*”, “*Concorda?*”, “*O que acha?*”. Trata-se de suposições, conjecturas, porém ancoradas em baixa probabilidade. Normalmente o julgamento se faz sobre ações mais concretas, com mais atividade, ou seja, mais agentividade e maior número de argumentos envolvidos na proposição. (Cf. tipologia verbal de Tavares, 2003).

Incerteza – Julgamento do falante sobre um evento não experienciado, nem próximo de seu conhecimento de mundo. Trata-se em geral de julgamentos sobre a ação e conduta de terceiros, ou do seu mundo subjetivo mais nebuloso, causa de um evento, hipóteses e conjecturas so-

bre eventos futuros. O falante não conta com pistas, experiências compartilhadas que atestem seu julgamento e sua proposição, ou seja seu julgamento é feito sem base factual, experiencial ou empírica.

Não há a presença de argumentos ou indícios que atestem sua crença mais asseverada, mas sim, há a presença linguística no discurso de sequências textuais, expressões, marcadores discursivos que denotam sua baixa certeza. Apresenta desconhecimento ou baixo conhecimento do assunto que envolve o tópico discursivo exposto na proposição, vacilação em sua asseveração, hesitações, incoerência, contradições lógicas, recorrência em pedir validação ao interlocutor sobre o exposto. Ocorrem normalmente marcadores discursivos que denotam incerteza, hesitação do falante como: “*não sei...*”, “*bem, não estou certo...*”, “*pode ser, né?*” “*quem é que sabe*” bem como, contradições lógico-formais.

Geralmente são assertivas que denotam valores de dúvida, hipótese voltada ao futuro, suposições, possibilidades voltadas a eventos possíveis no passado. Portanto, a referência prototípica da baixa certeza é não factual, ou seja ao futuro e a ações não efetivadas no passado.

Na seção abaixo buscaremos sintetizar as considerações acima e formalizar parâmetros para a análise.

4.2. Parametrização: estabelecimento dos critérios

Sintetizamos as considerações acima sobre a classificação do grau escalar da modalidade nos enunciados com a presença de advérbios epistêmicos de dúvida, incerteza e esboçamos uma lista de 4 *parâmetros* para a classificação. Baseados no conceito de *evidencialidade* e do *caráter escalar do epistêmico irrealis*, e do *complexo categorial TAM* (GIVÓN, 2001), bem como em trabalhos que versam sobre a possibilidade de mensurar a modalidade apreensível no discurso a partir de elementos do discurso, uma análise multiproposicional, como o de Coan (2003), ou estratégias de inferência a partir de elementos do discurso para mensurar a modalidade epistêmica levaremos a cabo o objeto de aferir a modalidade subjacente em enunciados dubitativos. Também nos baseamos em uma caracterização dicotômica tomando como modelo metodológico a proposta de Hopper e Thompson (1980) para classificação da transitividade dos verbos considerando os traços semânticos. Ressaltando que concebemos uma análise realizada num nível multiproposicional, acreditamos que ao estabelecer uma correlação entre a modalidade subjacente à pro-

posição em questão e construções do discurso que estabeleçam funções textuais, bem como categorias gramaticais do verbo da proposição, poderemos mensurar a modalidade independentemente de como esteja codificada no plano de expressão e conseqüentemente estabelecer sua influência e regularidade (como variável independente) na variação entre as formas verbais subjuntivo e indicativo.

Começamos a pensar na criação desses parâmetros partindo da concepção da modalidade, especificamente em enunciados independentes dubitativos e orações principais de subordinadas, como *função discursiva* e que esta poderia ser caracterizada uma *variável independente* (cf. TAVARES, 2003, p. 93-98; LABOV, 1972) e considerando-a como tal a partir disso propusemos que alguns fatores podem influenciar e demonstrar a modalidade, ou seja, permitir-nos a inferência da modalidade através de pistas contextuais e analisar a concorrência entre as formas variantes. Com vistas a esboçar uma forma de mensurar formalmente a modalidade epistêmica em enunciados independentes dubitativos, apresentamos a seguir os parâmetros estabelecidos.

Conhecimento: Busca aferir o conhecimento do falante, seu grau de convicção sobre o dito na proposição. Esse parâmetro é mensurado contextualmente a partir de asserções precedentes ou subseqüentes à proposição em questão, a partir das quais se busca atestar o conhecimento do mesmo sobre o assunto que envolve o tópico discursivo expresso no *dictum* da proposição em questão e sua capacidade avaliativo-julgadora impressa na proposição em questão sob escopo do modalizador. A presença de argumentos, mais pontuais e factivos, asserções que atestem o *status* de conhecimento do falante sobre o *dictum* na proposição, que o favorecem a ter mais conhecimento e conseqüentemente mais certeza. De acordo com a presença ou ausência dessas asserções positivas (ou seja, essa evidencialidade) respectivamente usamos os traços: [+ *conhec.*] e [- *conhec.*].

Experiencialidade: É medida através da correlação de elementos contextuais que atestem a forma de participação do falante na predicação sob escopo do modalizador. O grau de percepção do falante sobre o evento, estado, processo enunciado na proposição. Constatar se o falante vivenciou ou presenciou diretamente ou indiretamente o contexto no qual o evento ou situação se desenvolveu. Quanto maior seu grau de participação, ou seja, de experiencialidade do fenômeno mais acurada será sua percepção e conseqüentemente maior será seu grau de certeza. O falante pode ter essa experiencialidade de distintas maneiras: participar direta-

mente de um processo; participar indiretamente, como se fosse um personagem secundário; ser um observador de um evento ou das ações de outrem, ou; não participar, semelhante à classificação dos tipos de narradores.

Isso está relacionado também à subjetividade, pois o falante pode vivenciar um processo subjetivo em si mesmo ou “observar”, supondo, o que se passa no mundo interior de outrem, a partir de reações, gestos, etc. O falante possui mais subsídios e autonomia para fazer julgamentos, sejam objetivos ou subjetivos, de eventos cuja participação tenha sido mais direta. Dialoga com o parâmetro *Foco/objetividade*. Portanto falar de o que presenciou(-a), experienciou(-a), incide em mais certeza. Usamos os traços: [+ *part.*] e [- *part.*].

Atividade: Processos que envolvem mais atividade geralmente são mais concretos, observáveis, experienciáveis (TAVARES, 2003) e falar de processos mais concretos é mais evidenciável do que de processos mentais e sem agentividade e sem afetação. Portanto quanto maior for o grau de atividade/concretude da predicação presente na proposição maior será seu grau de certeza. Usamos os traços: [+ *ativ.*] e [- *ativ.*].

Referência temporal: O julgamento exposto na proposição do falante está diretamente relacionado à categoria TAMR com a contribuição de Coan (2003; 2006). A autora baseada na categoria TAM (GIVÓN, 1993) acrescentou o critério R (referência). Corresponde à temporalidade a qual está estritamente ligada ao ponto de referência considerado pelo falante na enunciação da predicação; e também ao aspecto da ação. O “não realizado”, em progresso, o futuro, o passado possível, estão relacionados à menor certeza do falante. Processos que podem ter sua referência bem delimitada no tempo e seu término indicado, incidem em maior certeza do falante. Givón (2001) correlaciona tempo, aspecto e modalidade como sendo mutuamente correlacionados. O passado acabado, o presente momentâneo, realizado e asserido no momento da fala indicam maior certeza. O futuro pode ser: situação futura desejada, planejada (não factual); simulação (projeção) de situação futura concebida como realizada (tida como factual); um *futuro lúdico*, com caráter didático (factual). E o passado pode ser codificado: relatando o que ocorreu (factual); relatando o que ocorria (factual); e servindo de referência para uma suposição ou condição (não factual) com referência a evento no momento da fala (presente) ou futuro. O que é factual indica mais certeza do falante. Usamos os traços: [*factual*] e [*não factual*].

5. *Análise e discussão*

Para proceder à análise de enunciados que contenham o modalizador *quizá*, elegemos propositalmente alguns exemplos que nos indiquem de forma mais evidente o que investigamos. Seleccionamos dentro do *corpus* composto para atender ao ensaio analítico exposto nesse artigo um enunciado.

Dentro de nossa expectativa e sabendo o caráter ensaístico sujeito a reavaliações e contribuições futuras, julgando por ora os parâmetros acima propostos coerentes, estipulamos a seguinte relação dentro da classificação dicotômica paramétrica:

certeza 1 = 3 parâmetros ou mais com grau (+).

certeza 2 = 2 parâmetros com grau (+) e 2 com grau (-)

incerteza = 3 parâmetros ou mais com grau (-).

Na sequência não constarão os trechos inteiros dos diálogos, mas sim apenas o fragmento de turnos de fala o qual permitirá a verificação de elementos discursivos que ancoram a análise da proposição em questão. Indicamos o número do informante, e seu nível de estudos. Além da alternância de fala entre (I) informante e (E) entrevistador. No corpo do texto ao final consta o intervalo de turnos de fala conforme indicado na transcrição da entrevista original. Segue a análise.

5.1. *Análise do texto*

São indicados os números dos informantes conforme constam nas transcrições das entrevistas originais disponibilizadas pelo *Laboratorio de estudios fónicos de Colegio de México* disponibilizado em seu sítio eletrônico: <<http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Corpus.htm>>. Para cada informante será indicada a quantidade de proposições analisadas sendo destacado em negrito o advérbio de dúvida na proposição em questão. E para cada análise será destacada no início o numeral que indique a sequência dos turnos de fala de acordo com a transcrição original.

Texto 1 – Inf 3. Sup. [1 e 2]

I.190. [...] y te digo, fue como un error haberlo dejado el dibujo. Porque sí... yo siento, pienso, más que nada, creo...

E. 191. MMhh

I. 192. *Que si me hubiera dedicado bien a lo que es el dibujo*

E. 193 mhh.

I. 194. *Quizás ahorita, ya este... yo ya TUVIERA yo... un estilo.”*

E. 195. Humrum.

I. 196 *Un estilo propio para ya este poder explotar, y quizás yo no ESTARÍA aquí en México. Yo ESTARÍA en París.*

[**Quicá** / Talvez agorinha, já este... eu já tivesse eu... um estilo.] (Tradução nossa)

Neste texto analisaremos inicialmente a proposição ⁽¹⁾ seguindo os 6 critérios: *Conhecimento*: O falante conhece um pouco sobre o que o tema tratado, ele já praticara o desenho (*dibujo*) como se vê aqui: “*fue como un error haberlo dejado*” No entanto, ele não o “praticou bem” não se “dedicou bem” premissa básica de sua condição: “*si me hubiera dedicado bien a lo que es el dibujo*”. Além disso é um passado remoto menos propenso à retenção e resgate da memória. Portanto não tem base para fazer o julgamento na proposição ⁽¹⁾, logo: [- *conh*].

O segundo critério, *Experiencialidade* o falante fala sobre uma possibilidade no passado no entanto não vivenciou nem está vivenciando o processo tido como condição: “*dedicarse bien al dibujo*”, para a consequência possível “*tener un estilo*”, portanto: [-*part*].

O terceiro critério *atividade*, o ato de ter, se diz o valor de possuir mais próximo de adquirir, nesse caso o falante apresenta julgamento sobre um processo com menor grau de atividade. De acordo classificação de Tavares (2003) é um processo relacional, está no nível 12, portanto menos evidenciável, empírico e observável. [-*ativ*].

Quanto à *Referência temporal* trata-se de uma ação [*não factual*] baseada em uma condição hipotética no passado. O falante faz uma suposição com referência ao passado de uma possível ação, sem ponto de efetivação na linha temporal.

Resultado: [- *conh*], [-*part*], [-*ativ*], [*não factual*]. Nenhum parâmetro positivo, resultando: *incerteza* (3). e com o uso do subjuntivo conforme prevê a gramática tradicional.

6. Considerações finais

A língua é indubitavelmente dinâmica, maleável e sujeita às presenças de uso e sendo a variação concebida como inerente ao sistema linguístico e como parte de uma tentativa de regularização deste. A variação entre indicativo e subjuntivo é um fenômeno já atestado em outros trabalhos, considerando outros contextos em especial orações complexas. (Cf. CARVALHO, 2007; PIMPÃO, 1999) Mostramos parcialmente que tal alternância ocorre inclusive em orações com a presença dos modalizadores de dúvida cuja construção seria, segundo a gramática normativa, formada preferentemente com o subjuntivo, o modo verbal que carrega as noções de dúvida, incerteza, probabilidade, possibilidade, hipótese, suposição etc.

Uma abordagem funcionalista concebe a distinção entre modo e modalidade cuja realização e atualização se dá na interação comunicativa entre falante e ouvinte, não podendo ser interpretada fora deste contexto. Portanto, analisá-la resulta obrigatoriamente em considerar os aspectos pragmático-discursivos. Por conseguinte, faz-se justificável, como demonstrado nesse trabalho, a consideração de aspectos contextuais, para a aferição da modalidade.

A modalidade epistêmica representa o grau de conhecimento, de certeza do falante e pelo exposto vimos que interfere diretamente na seleção das formas verbais em enunciados declarativos com operadores dubitativos (advérbios e locuções adverbiais). Um contexto o qual sintaticamente seria favorecedor do subjuntivo apresenta produtividade do indicativo dado o grau de certeza do falante. Apesar dos poucos dados aqui apresentados, baseados no paradigma da gramaticalização, esboçamos uma escalaridade entre os advérbios de dúvida, pois a frequência de uso consagrada acaba por enraizar algumas construções (BYBEE, 2003), como: *a lo mejor* e *seguramente*, as quais favorecem mais o indicativo dados os resquícios dos traços semânticos de suas *formas-fonte*.

Os parâmetros estabelecidos foram baseados em outras abordagens que buscam estabelecer correlações entre aspectos discursivos e a seleção da forma linguística com parâmetros dicotômicos, que buscam apreender o *continuum* de categorias semântico-pragmáticas como: *a escala da transitividade* de Hopper e Thompson (1980), a qual relaciona o *relevo discursivo* (figura e fundo), e noções pragmáticas de *informação dada e nova* às estratégias de seleção das formas verbais, considerando todas as categorias gramaticais envolvidas (tempo, aspecto, modalidade), nuances semânticas dos verbos (como argumentos exigidos); conceito de *evidencialidade* de Givón; a concepção de *função discursiva* sujeita a ser

considerada como uma variável na abordagem metodológica variacionista (TAVARES, 2003).

A proposta de análise mostrou-se coerente e se insere como uma alternativa para discutir a necessidade de considerar categorias semânticas e discursivas nos estudos variacionistas e uma forma de mensurá-las e quantificá-las.

Em suma os resultados demonstraram: (i) há a necessidade de considerar marcas e construções além da proposição em questão para a apreensão da modalidade epistêmica; (ii) há uma alternativa de análise para essa tarefa a partir do estabelecimento de parâmetros considerando aspectos semântico-pragmáticos e categorias gramaticais para mensurar a modalidade epistêmica apreensível no discurso, em orações independentes dubitativas; (iii) enunciados construídos com modalizadores de dúvida e incerteza abrigam uma escalaridade da atitude valorativa do falante formando um continuum inserido na interface *realis-irrealis*; (iv) há possibilidade de uma correlação entre a seleção dos itens dubitativos e os valores modais no *continuum* da interface *realis-irrealis* epistêmico, dado o estágio de gramaticalização de alguns dos advérbios dentro desse paradigma gramatical; (v) é possível testar a modalidade como variável independente em estudos variacionistas; (vi) os enunciados construídos com modalizadores instauradores de dúvida e incerteza muitas vezes podem ser usados como estratégias discursivas de atenuação, polidez etc. e interferem, ou antes dizendo, sinalizam regularidades na variável em foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

CARVALHO, H. M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. 2007. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

COAN, Márluce. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos Mais-que-perfeito e Perfeito: correlações entre função(ões)-formas(s) em tempo real e aparente*. 2003. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIVÓN, Talmy. Verbal inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: _____. *English Grammar: a functional-based introduction*. Vol. I e II. Amsterdam (Philadelphia): John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, vol. 56, n. 2, 1980.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

PIMPÃO, T. S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 1999. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.